

REVISTA MARACANAN

Artigo

A memória da ditadura militar em disputa em vídeos e comentários no YouTube

The memory of military dictatorship in dispute in videos and comments on YouTube

Elis Saraiva Santana *

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Lívia Diana Rocha Magalhães **

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Recebido em: 25 mar. 2021.

Aprovado em: 01 set. 2021



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Brasil.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade - PPGMLS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduada em História pela mesma universidade. (elissaraiva01@gmail.com). (profelissantana@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-3005-2931>  <http://lattes.cnpq.br/9095034875211095>

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia. (lrochamagalhaes@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0784-6749>  <http://lattes.cnpq.br/1488574581468951>

Resumo

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados da pesquisa que realizamos a respeito dos conteúdos do documentário *1964: o Brasil entre armas e livros* e de um episódio da série *Guia Politicamente Incorreto*, bem como de comentários de usuários(as) do *YouTube*, nos respectivos vídeos, para discutir a relação entre o revisionismo ideológico projetado nesses vídeos e as memórias sociais expressas pelos(as) usuários(as) da plataforma, na conformação de uma determinada interpretação sobre a ditadura militar. Empreendemos a discussão à luz do campo de estudos das teorias da memória como recurso de análise da relação entre conteúdos e comentários dos(as) usuários(as), no processo de construções consentidas de determinadas memórias e suas transmissões, possibilitando o diálogo entre questões políticas e sociais que compõem os projetos de sociedade defendidos por determinados grupos. O uso político da história e da memória se torna evidente nos vídeos e nos comentários e está ligado a uma reconstrução participativa de representantes de memórias sociais e coletivas que se entrelaçam, com o objetivo comum de realizar um “revisionismo” da ditadura militar no Brasil à luz de referências políticas e ideológicas de caráter conservador.

Palavras-chave: Ditadura militar. Revisionismo ideológico. Memória.

Abstract

In this article, we present part of the results of the research we have conducted regarding the contents of the documentary *1964: Brazil between guns and books* and an episode from the *Politically Incorrect Guide* series, as well as the comments of *YouTube* users, to discuss the relationship between the ideological revisionism projected on those videos and the social memories expressed by the users in conforming to a certain interpretation about the military dictatorship. We undertake the discussion in the light of the field of studies of theories of memory to analyze the relationship between the content and the comments by users in the process of consented construction and transmission of certain memories. It enables the dialogue between political and social issues that make up the projects of society defended by certain groups. The political use of history and memory is evident in the videos and in the comments and it is linked to a participatory reconstruction of representatives of social and collective memories that intertwine with the common objective of carrying out a “revisionism” of the military dictatorship in Brazil in the light of conservative political and ideological references.

Keywords: Military dictatorship. Ideological revisionism. Memory.

Introdução

Neste artigo, expomos parte dos resultados da pesquisa que empreendemos a respeito dos conteúdos do vídeo *1964: o Brasil entre armas e livros*¹ e do episódio *Ditadura à Brasileira*, da série *Guia Politicamente Incorreto*,² (ambos disponíveis gratuitamente no YouTube) e dos comentários de usuários(as) nessa plataforma sobre os referidos vídeos, visando analisar como esses materiais foram especialmente projetados a partir de um “revisonismo ideológico”,³ de uma leitura conservadora da ditadura militar no Brasil, desempenhando um papel na construção de uma dada memória social sobre esse período histórico.

Materiais desse tipo têm sido publicados e têm ganhado visibilidade a partir do advento da internet e das tecnologias de comunicação, nas quais, para além da leitura ou visualização desses conteúdos, o leitor/espectador tem a possibilidade de interagir diretamente com seus produtores/autores e de registrar as suas impressões por meio de comentários em *sites*, *blogs*, redes sociais.

As mídias sociais digitais têm sido utilizadas como espaço privilegiado para a propagação de temas de interesse público de diversas naturezas e, pelo menos desde as eleições de 2006,⁴ no Brasil, essas mídias têm se mostrado um campo para o debate político. Particularmente a partir de 2004, por ocasião dos 40 anos do golpe militar, observamos que o debate acerca da ditadura militar ganhou relevância tanto no ambiente acadêmico, quanto fora dele⁵ e, nos últimos anos, tem adquirido centralidade como um elemento de disputa política em um cenário de intensa polarização e ascensão de grupos conservadores.

Dessa forma, o tema da ditadura militar é explorado em livros, documentários e outras produções que não têm, necessariamente, um vínculo com a produção historiográfica, sendo

¹ *1964: O Brasil entre armas e livros*. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2h 07 min 19 seg). Publicado pelo canal *Brasil Paralelo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 20 mar. 2020.

² *GUIA Politicamente Incorreto*. Playlist Ep. 02 *Ditadura à brasileira*. [S. l.: s. n.], 2017. 13 vídeos (49 min 55 seg). Publicado pelo canal *The History Channel Brasil*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0-10eThuDE&list=PLAr322Yg8UkCQrg8aRip815Qlb9VDczwl&index=1&t=2s>. Acesso em: 19 mar. 2020.

³ NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, Londrina v. 8, n. 15 esp, p. 9-44, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/23617>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁴ CHAIA, Vera. Internet e eleições: as comunidades políticas no orkut nas eleições de 2006. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 127-140, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/12473/9670>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁵ TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: golpismo e democracia – as falácias do revisionismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 19, p. 27-48, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3nc1MAM>. Acesso em: 14 nov. 2019.

caracterizados, principalmente, pelo seu apelo político-ideológico. Na internet, o *YouTube* aparece como um espaço privilegiado para a divulgação de materiais dessa natureza.

A maior parte das análises de produções dessa natureza ressalta o uso político-ideológico de seus conteúdos. Entre outros autores, Pereira⁶ destaca a atuação de uma “nova direita” na internet, no período dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (2012-2014). Já Bauer⁷ aborda os usos do passado ditatorial, no contexto da política contemporânea, considerando o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, como parte de uma “comunidade de memória” que justifica a ditadura, a partir do seu vínculo com as Forças Armadas.

Considerando esses aspectos, elegemos o documentário *1964: o Brasil entre armas e livros*⁸ e o episódio *Ditadura à Brasileira*, da série *Guia Politicamente Incorreto*⁹ por considerá-los importantes fontes de estudo, principalmente, no que diz respeito à representatividade de seus conteúdos para um determinado público, levando em conta que:

A partir da primeira década do século XXI, as redes sociais de internet, sites privados e a blogosfera como um todo são igualmente importantes na disseminação de perspectivas e opiniões sobre o passado. Espaços também pouco estudados, essas redes virtuais de comunicação têm servido como canais mais ou menos legitimados e influentes para posicionamentos sobre o regime militar brasileiro, ainda que pouco produtivos enquanto debate efetivo. Arrisco dizer que eles têm sido particularmente importantes no revisionismo da extrema direita em sua luta contra a memória crítica, hegemônica e legitimada socialmente sobre o regime militar.¹⁰

Em que pese suas singularidades, as duas produções compartilham da mesma visão, qual seja: defendem que, no Brasil do início dos anos de 1960, havia uma ameaça ou um acirramento da esquerda para a implementação de um sistema comunista no país, o que exigiu um golpe militar para a defesa do sistema vigente. Há também, nas produções, afirmações recorrentes sobre a esquerda (ou os comunistas), que constroem uma narrativa, na qual, segundo eles, representantes desse segmento político teriam se infiltrado na cultura, na educação e nos meios de comunicação, disseminando uma falsa explicação sobre a implementação e as ações da ditadura militar no Brasil. Tal narrativa sugere que esse período é mal compreendido, inclusive do ponto de vista do ensino de história.

Além dos vídeos mencionados, o *corpus* da pesquisa foi constituído, principalmente, pelo conjunto de comentários públicos feitos por de usuários(as) do *YouTube* e coletados, diretamente, da caixa de comentários dos vídeos analisados.

⁶ PEREIRA, Mateus H. de F. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 863-902, set./dez, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752015000300863&script=sci_arttext Acesso em: set. de 2020.

⁷ BAUER, Caroline S. La dictadura cívico-militar brasileña en los discursos de Jair Bolsonaro: usos del pasado y negacionismo. *Relaciones Internacionales*, La Plata, v. 28, n. 57, p. 37-51, dez. 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/204792>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁸ 1964: O Brasil entre armas... *Op. cit.*

⁹ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

¹⁰ NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer... *Op. cit.*, p.16

Nesses comentários, verificamos a recorrência a experiências vividas ou recebidas como recurso testemunhal para validação dos conteúdos apresentados nos vídeos. Assim, é possível identificar um “uso da memória”¹¹ ligado à sua função de recurso para a reivindicação ideológica. Uma reconstrução pública e uma revisão ideológica da história, que tomam como fonte a memória e endossam um projeto político e social conservador como bandeira nacional, tendo a ditadura militar como modelo.

Acessamos esses comentários e realizamos o processo de coleta por meio da ferramenta de coleta de dados *Netlytic*. Trata-se de uma ferramenta *online* de monitoramento e pesquisa em mídias sociais digitais que permite a coleta de dados públicos em determinadas redes sociais, dentre elas, o *YouTube*. Especificamente nessa plataforma, a ferramenta *Netlytic* realiza a coleta dos comentários postados pelos(as) usuários(as) nos vídeos e gera uma planilha contendo esses comentários, a data e a hora da publicação, bem como os respectivos nomes dos(as) usuários(as).

No conjunto de comentários que analisamos (quatrocentos e trinta e quatro), aparece, de forma veemente, a menção direta a experiências vividas ou recebidas, de modo que a memória não é abordada de forma circunstancial, mas se constitui como o próprio conteúdo de determinados comentários. Considerando esse aspecto, recorreremos ao campo de estudos das teorias da memória como recurso de análise, principalmente, dos comentários dos(as) usuários(as) no processo de construções consentidas de determinadas memórias e de suas transmissões, possibilitando o diálogo entre questões políticas e sociais que compõem os projetos de sociedade defendidos por determinados grupos.¹²

O “revisionismo ideológico” e os materiais analisados

O revisionismo ideológico, segundo Napolitano,¹³ está ligado à atuação de grupos conservadores que emergem no contexto de uma nova fase no processo de construção social da memória sobre a ditadura militar, que está inserida na conjuntura dos governos petistas a partir dos anos 2000.

Em linhas gerais, ela coincide com os três governos petistas (Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff) durante os quais se percebe dois movimentos contraditórios: de um lado, o aprofundamento de uma política de memória do Estado, calcada na memória hegemônica, crítica ao regime militar e tributária da cultura democrática; de outro, no plano da sociedade civil, o crescimento do revisionismo, em alguns casos, compartilhado por historiadores reconhecidos e de viés

¹¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

¹² MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, Memória e Geração: remissão inicial a uma discussão político-educacional. *Revista HISTEDBR*, [on-line], n. 55, p. 94-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640463>. Acesso em: 25 mar. 2020.

¹³ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*

progressista, que indica uma fissura nas bases da memória hegemônica construída desde os anos 1970.¹⁴

O autor indica a presença desse revisionismo ideológico como uma revisão da história a partir de um ponto de vista, com objetivos exclusivamente políticos, sem vinculação com a historiografia e ligado à extrema direita, que se apresenta a partir de duas facetas:

[...] o período tem sido marcado pela aparição pública, com grau crescente de legitimação no debate e infensa a qualquer execração pública, de memórias da extrema-direita, cuja faceta mais hipster se esconde na crítica ao “politicamente correto”. A versão mais “puro sangue” da extrema direita dispensa o bom humor e se manifesta a partir de algumas vertentes: a) negacionismo que recusa a existência de tortura a presos políticos; b) nostalgia que representa a ditadura como época de prosperidade, honestidade pública e segurança aos trabalhadores; c) autoritarismo conservador como saída legítima para a crise política e moral brasileira, rejeitando valores liberais ou socialistas; d) elitismo como forma de explicar a crise moral da sociedade brasileira da era PT; e) moralismo que vê a política como reino da corrupção e prega uma cruzada moral para regenerar as instituições corrompidas pelo ‘lulopetismo’.¹⁵

Os vídeos que estamos discutindo ilustram essas facetas da extrema direita no âmbito do debate público sobre a ditadura militar. Tanto o livro de Leandro Narloch,¹⁶ quanto a série por ele inspirada são representativos de uma abordagem mais informal, “politicamente incorreta”, sobre o período. Já o documentário da Brasil Paralelo assume um tom mais sóbrio e apresenta características do que o autor classificou como uma direita mais “puro sangue”.

Portanto, a partir das proposições de Napolitano,¹⁷ utilizamos o termo revisionismo ideológico a fim de enfatizar que a série *Guia Politicamente Incorreto*¹⁸ e o documentário *1964: o Brasil entre armas e livros*¹⁹ são materiais de propaganda política e ideológica, que reivindicam um rompimento com a produção acadêmica, visando ratificar uma posição de caráter conservador e, em última instância, atuam na defesa da ditadura como um parâmetro para a organização política e social do país.

O programa *Guia Politicamente Incorreto*²⁰ é uma série audiovisual que trata dos mesmos temas abordados no livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*.²¹ Ela é composta por oito episódios, entre eles, o *Ditadura à brasileira*, que aborda o período da ditadura militar (1964-1985). Todos os episódios foram disponibilizados pela própria emissora, *History*, em seu canal oficial no *Youtube*. O livro tem sido objeto de reflexão de vários pesquisadores. Venancio,²²

¹⁴ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*, p. 32.

¹⁵ *Ibidem*, p. 34.

¹⁶ NARLOCH, Leandro. *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*. São Paulo: Leya, 2009.

¹⁷ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*

¹⁸ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

¹⁹ 1964: O Brasil entre armas ... *Op. cit.*

²⁰ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

²¹ NARLOCH, Leandro. *Guia Politicamente Incorreto... Op. cit.*

²² VENANCIO, Renato. O Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil, 2018. Resenha de: Guia politicamente incorreto da história do Brasil. 2ed. São Paulo: Leya, 2012. Disponível em:

por exemplo, desenvolve uma análise metódica de cada capítulo, evidenciando distorções e lacunas das interpretações do autor, a partir das próprias referências utilizadas por ele. A série, por sua vez, reavivou o debate em torno da interpretação histórica difundida por esse tipo de produção. Ogassawara e Borges²³ destacam que, apesar das diferenças, em ambas as produções, sobressai uma visão conservadora sobre a História do Brasil calcada no selo do “politicamente incorreto”.

A série foi desenvolvida por um canal televisivo especializado na produção de documentários históricos. O episódio em questão segue o formato no qual os entrevistados expõem suas opiniões sobre o tema tratado, muitas vezes distintas, em depoimentos intercalados. Assim como o livro no qual é baseada, a série se vale de uma roupagem mais lúdica, jovial, com uso de animações, trilha sonora e frases de efeito.

A narrativa predominante no vídeo fica clara já na abertura do episódio. Nela, uma representação ironiza o que seria a “história oficial” sobre o período: uma época sombria de repressão, tortura, morte e desaparecidos políticos, na qual, “por sorte”, o Brasil pôde contar com a atuação de guerrilheiros de esquerda que lutaram pela liberdade. A cena é interrompida quando a atriz, caracterizada como uma guerrilheira, começa a rir. O efeito especial e dramático é bruscamente suspenso, mostrando os atores posicionados em frente a um fundo verde (*Chroma Key*). Vide figuras 1 e 2:

Figura 1 – Cena da abertura do episódio



Fonte: *Guia Politicamente Incorreto*, 2017

https://www.academia.edu/36354688/O_Incorreto_no_Guia_politicamente_incorreto_da_hist%C3%B3ria_do_Brasil . Acesso em: 28 ago. 2021.

²³ OGASSAWARA, Juliana S.; BORGES, Viviane T. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. *Revista Brasileira de História*. v. 39, n. 80, p. 37-59, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-01882019000100037&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago. 2020.

Figura 2 – Uma das cenas finais da abertura do episódio

Fonte: *Guia Politicamente Incorreto*, 2017

Depois, aparecem os primeiros participantes: o escritor Luiz Felipe Pondé, o músico Lobão, o historiador Marco Antônio Villa e o cineasta Jorge Furtado. Suas falas são intercaladas. Enquanto Jorge Furtado tenta compreender a questão dentro do seu contexto (numa ditadura militar armada, quais seriam as alternativas para a resistência?), a mensagem dos outros participantes se sobrepõe: os guerrilheiros não lutavam por democracia e queriam uma ditadura comunista, portanto a versão “oficial” é uma mentira. A alegação é feita de forma taxativa. Esse primeiro argumento apresentado é arrematado por Luiz Felipe Pondé ao afirmar que a esquerda brasileira mente ao dizer que combateu a ditadura em nome da liberdade e que grande parte dos professores de História, por serem de esquerda, também mente sobre a questão.

No vídeo, os termos “liberdade” e “democracia” parecem ser sinônimos e o foco da análise é a contraposição entre a luta armada comunista e o Estado. A fala do jornalista Leandro Narloch ilustra a linha narrativa do vídeo: “A ditadura brasileira foi [...] um período tenebroso da História da Brasil. Ela só não foi pior do que se a gente tivesse vivido uma ditadura comunista, e aí sim, meus amigos, ia ser um total desastre”.²⁴

Um suposto domínio do discurso da esquerda nos meios de comunicação, na cultura e na educação, que seria responsável pela disseminação da ideia de que a esquerda lutava por liberdade, também aparece na narrativa, como demonstra a fala de Pondé: “A ditadura acabou, a esquerda tinha as redações de jornais, os centros culturais e as universidades... e, com o tempo, foi aumentando, e agora tem as escolas também [...]”.²⁵

O episódio também aborda a polêmica em torno do termo “ditabranda”, utilizado por um editorial da Folha de São Paulo, em 2009, referindo-se ao período entre 1964 e 1985. Os participantes (Ivo Herzog, Carlos Latuff, Ricardo Boechat, Leandro Narloch, Marco Antonio Villa e Pedro Doria) foram unânimes em condenar a expressão, classificando-a como um erro. Ainda

²⁴ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

²⁵ *Idem.*

assim, o número de mortos, no Brasil, foi comparado aos dados de Argentina e Chile. Além disso, Marco Antonio Villa faz uma explanação sobre a classificação do período: a ditadura, propriamente dita, só teria existido entre 1968 e 1979, ou seja, a partir da publicação do AI-5 até o reestabelecimento da imunidade parlamentar e a Lei da Anistia.

Apesar de Marco Antonio Villa, a certa altura do programa, chamar atenção para a complexidade do período, afirmando que “[...] o momento mais difícil de entender o Brasil, desses mais de 500 anos de história, são os 21 anos do regime militar”,²⁶ é possível perceber que o episódio aborda apenas as questões mais “polêmicas” ou “famosas” sobre o período, sem uma discussão aprofundada sobre os diversos aspectos que o compõem e a dificuldade de analisá-los isoladamente.

Ressaltamos também que, tanto o episódio em questão, quanto a série em geral, são produtos de entretenimento, em que os recursos gráficos, a linguagem dinâmica, a sobreposição de falas e frases de efeito são os aspectos mais importantes, pois o que está sendo vendida não é uma proposta de discussão e reflexão aprofundada sobre diversos aspectos da história do Brasil, mas uma produção midiática.

Por sua vez, o documentário *1964: O Brasil entre armas e livros*,²⁷ da Brasil Paralelo, assume um tom e uma estética muito mais sérias, de “denúncia”, de “análise” e de divulgação de uma suposta “verdade” sobre o período da ditadura militar. Lançado em 2019, o vídeo, com mais de duas horas de duração, já acumulava cerca de 8 milhões de visualizações e aproximadamente 70 mil comentários no *Youtube*, até março de 2020.

Em sua página oficial no *Facebook*, a empresa Brasil Paralelo se define como “Uma produtora 100% independente que busca transformar a cultura por meio da Educação”.²⁸ Essa definição é coerente com as informações e os anúncios veiculados no *site* oficial da empresa, que oferece para os assinantes uma “experiência exclusiva de autoeducação”, além de “documentários e filmes gratuitos que já ensinaram milhões de brasileiros”.²⁹ É importante ressaltar essa pretensão educativa da Brasil Paralelo, pois essa é uma diferença clara entre o documentário e o programa *Guia Politicamente Incorreto*³⁰. Enquanto o segundo é voltado para o entretenimento, o primeiro tem o objetivo mais específico de atuar, de intervir socialmente para “causar o maior impacto cultural que o Brasil já presenciou”,³¹ para resgatar uma história

²⁶ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

²⁷ 1964: O Brasil entre armas... *Op. cit.*

²⁸ BRASIL Paralelo. *Sobre*. Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo/about/?ref=page_internal-grifo nosso. Acesso em: 15 out. 2020.

²⁹ BRASIL Paralelo. +30 produções. Documentários e filmes gratuitos que já ensinaram milhões de brasileiros. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/home/>. Acesso em: 15 out. 2020.

³⁰ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

³¹ O QUE DE FATO é o Brasil Paralelo? [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min 28 seg). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. <https://www.youtube.com/watch?v=9RDrKmAvsik>. Acesso em: out. de 2020.

do Brasil que teria sido negada aos brasileiros desenterrando a “memória dos grandes homens da nossa história” e resgatando “o orgulho de ser brasileiro”.³²

Além de materiais disponibilizados gratuitamente, a empresa possui planos de assinatura que garantem acesso a cursos e conteúdos exclusivos, de forma que

os objetivos da organização Brasil Paralelo não se reduzem à divulgação de determinada visão de história, mas também ao envolvimento dos espectadores no financiamento e produção de novos materiais. Além disso, os realizadores prometem aos que contribuem financeiramente o ingresso em ‘um grupo fechado, onde vamos nos conhecer e planejar um futuro em conjunto’. Trata-se, portanto, de uma organização política voltada para o engajamento de pessoas em torno de determinadas teses históricas, que são apresentadas como a verdade oculta sobre o passado nacional brasileiro.³³

Dentre outros autores, Nicolazzi³⁴ destaca que a Brasil Paralelo produz uma narrativa histórica própria no combate ao que, para a empresa, seria um “viés de esquerda” impregnado na produção histórica brasileira.

Ao longo do vídeo, o fio condutor da narrativa é a “ameaça comunista”, que pairava sobre o Brasil naquele momento. A culminância dessa “análise” é a noção de uma vitória cultural e ideológica dos comunistas, apesar da derrota, no campo político, para os militares em 1964, como é ressaltado por Rocha.³⁵ No vídeo, há uma demorada contextualização política do século XX, desde a Revolução de 1917 até a Guerra Fria, caracterizando assim as duas potências mundiais nesse cenário.

Assaltos a bancos e agitações nos quartéis do Exército Imperial Russo. A revolução assassina brutalmente a família imperial Romanov para implementar uma ditadura que tinha Lênin como Deus e Stálin e Trotsky como papas vermelhos. Os soviéticos desenvolvem um plano para conquistar o mundo e implantar o comunismo em todos os países. O reino do terror vermelho se espalha pelas décadas seguintes. O Holodomor e os gulags são alguns dos genocídios que resultaram das ditaduras totalitárias [...].³⁶

Do outro lado do mundo, o Ocidente. Os Estados Unidos da América construíram uma democracia liberal baseada na sociedade de mercado e nos valores cristãos. A maior indústria e maior economia do mundo é também o único país a ter armas nucleares, sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas. Os Estados Unidos surgem no pós-guerra na liderança do Ocidente. Pra reativar a economia dos países europeus devastados, os americanos propõem o ‘Plano Marshall’ oferecendo empréstimos a juros baixos.³⁷

³² O QUE DE FATO é o Brasil Paralelo?... *Op. cit.*

³³ LIMA, André Nicácio. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. *Temáticas*, Campinas, v. 27, n. 54, p. 15–38, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/12336>. Acesso em: 12 fev. 2021

³⁴ O BRASIL Paralelo produz história?, 2019. Apresentado por Fernando Nicolazzi. Canal Historiar-se. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8>. Acesso em 28 ago. 2021. Duração: 00:21:09.

³⁵ ROCHA, João César de C. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

³⁶ 1964: O Brasil entre armas ... *Op. cit.* (fala do narrador).

³⁷ *Idem.* (fala do narrador).

O embate entre essas duas potências mundiais é apresentado, no vídeo, a partir de imagens simbolizando a Guerra Fria, representadas pelas bandeiras e pelos territórios dos Estados Unidos e da União Soviética. Vide figura 3:

Figura 3 – Cena do documentário representando a Guerra Fria



Fonte: 1964: O Brasil entre armas e livros, 2019

Ao tratar, especificamente, do contexto brasileiro, tanto antes, quanto durante o golpe o vídeo realiza a defesa de diversas teses sobre o período, defendidas também na série *Guia Politicamente Incorreto*.³⁸ A mais evidente delas é a ameaça comunista. Os entrevistados também versam sobre a correlação de forças entre o Estado e os “terroristas” de esquerda, falam de um apoio popular massivo aos militares e também sobre a popularidade do governo militar: “Então a reaproximação com a União Soviética, essa aproximação com China eram indicativos de que a esquerda ‘tava’ se reinventando e essa reinvenção não tinha nada a ver com democracia”.³⁹

Aparece também, nas falas de entrevistados, o uso dos termos “revolução” e “movimento” para designar o golpe de 31 de março, a relativização da censura e mesmo a defesa de que esse “movimento” teria sido, em essência, civil, tendo os militares atuado apenas para concretizar o anseio popular.

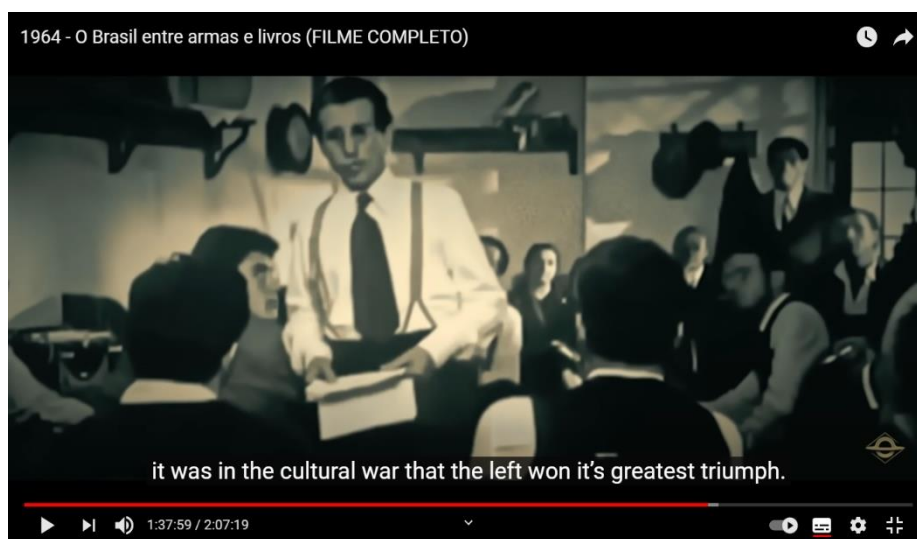
A parte final do documentário aborda a suposta vitória da esquerda no campo cultural e ideológico. Difunde a existência de uma “guerra cultural” travada, especialmente, nos campos da educação, da cultura e da mídia e por meio da qual a esquerda estaria destruindo os valores da sociedade ocidental: a moral, a religião e a família. Na imagem a seguir (figura 4), pode ser observada a legenda do filme, em inglês, enfatizando o triunfo da esquerda nessa “guerra cultural”. É nesse momento final que esse vídeo se liga ao conjunto de produções da empresa,

³⁸ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

³⁹ 1964: O Brasil entre ... *Op. cit.* (fala de Rafael Nogueira).

que parece estar numa espécie de cruzada contra os males que, segundo eles, o “marxismo cultural” tem gerado ao ocidente.

Figura 4 – Uma das cenas finais do documentário



Fonte: 1964: O Brasil entre armas e livros, 2019

O uso sócio-político da memória e as disputas pelos sentidos do passado

A discussão teórica sobre a memória está presente no pensamento ocidental desde a Grécia Antiga e foi tratada em diversos campos do conhecimento e da produção intelectual, especialmente, na filosofia e na literatura. Com o advento da psicologia e da sociologia, no final do século XIX, a questão passa a ser tratada sob novas perspectivas e, no século XX, o sociólogo francês Maurice Halbwachs introduz o estudo da memória a partir da sua relação com o coletivo.

A rememoração enquanto ação só é possível se levarmos em conta os quadros sociais nos quais a memória se assenta.⁴⁰ Esses quadros dão sustentação à memória e são os referenciais sobre os quais a nossa memória se ampara para localizar, abstrair as experiências sociais vividas e recebidas.

Assim, Halbwachs⁴¹ discute memória como uma produção localizada nos quadros sociais, segundo os quais estivemos submetidos. Dessa forma, a recordação, por mais íntima que seja, só é possível a partir de referências que se encontram no âmbito da vida social.

Todo recuerdo, por personal que sea, incluso aquellos de los acontecimientos de los cuales hemos sido los únicos testigos, incluso aquellos de pensamientos y de nociones que muchos otros también poseen, con personas, grupos, lugares, fechas, palabras y formas del lenguaje, también con razonamientos e ideas, es

⁴⁰ HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de la Memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

⁴¹ *Idem*.

*decir con toda la vida material y moral de las sociedades de las cuales formamos o hemos formado parte.*⁴²

Há quadros elementares, como espaço, tempo, família, religião, linguagem, classe social, entre outros, que constituem os quadros segundo os quais construímos nossos valores balizadores para a reconstrução de nossas memórias individuais (sociais e coletivas), ou seja, memórias que, sobretudo, revelam as visões de mundo com as quais comungamos.

*Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.*⁴³

Falar de memória coletiva significa que há memórias individuais identificadas com visões de dados grupos, ou com representantes desses grupos sociais, que, afetivamente, podem ser localizados por meio dos posicionamentos que compartilham.⁴⁴ Podemos dizer, então, que as memórias individuais são produções coletivas comuns, próximas dentro de uma sociedade.

Tratar de memória social e coletiva perpassa também a relação entre história e memória. Nesse aspecto, destacamos as proposições de Aróstegui,⁴⁵ que considera a relação entre história e memória como múltipla e complexa, em que ambas são reservatórios da experiência humana, não necessariamente correlatas, mas convergentes. O autor considera que:

*[...] la relación de la memoria con la historia como operación intelectual es inestable. Memoria e Historia son categorías del conocimiento de orden diverso, sobre todo porque, frente a la pretensión de 'objetividad' que toda construcción historiográfica debe tener ineluctablemente, no hay memoria neutral, ni inocente, como no ninguna facultad humana lo es enteramente [...]. Por lo general, los sujetos y los grupos organizan su memoria como autojustificación y autoafirmación, pero no necesariamente como contribución histórica desinteresada.*⁴⁶

Diante das diferentes abordagens sobre memória e história – tratadas, entre outros autores, por Nora,⁴⁷ Ricoeur⁴⁸ e Aróstegui⁴⁹ – apreendemos suas naturezas distintas, mas

⁴² HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales...* Op. cit, p. 55.

⁴³ HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 51

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ ARÓSTEGUI, Julio. Retos de la memoria y trabajos de la historia. *Pasado y memoria. Revista de Historia Contemporánea*, Madrid, n. 3, p. 5-58, 2004. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/742/1/Arostegui-Retos%20de%20la%20memoria.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 32 (grifo do autor).

⁴⁷ NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Puc-SP*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

⁴⁸ RICOEUR, Paul. *A memória, a história...* Op. cit.

⁴⁹ ARÓSTEGUI, Julio. *Retos de la memoria...* Op. cit.

também suas inter-relações para a discussão sobre a ditadura militar no Brasil e suas abordagens. Nessa perspectiva, tomamos a relação entre história e memória em seu aspecto conflituoso.

A discussão em torno da construção e da transmissão social da memória para pensar as disputas pelo passado e seus usos políticos, de acordo com Magalhães,⁵⁰ pode ser um caminho para a análise sobre os projetos de sociedade defendidos por determinados grupos e suas implicações políticas e sociais.

[...] pensarmos sobre a apreensão da história pela memória, nos leva a observar que as continuidades que se operam pela transmissão social, conviventes diacrônica ou sincronicamente por meio da transmissão, portanto, pela memória coletiva de grupos que formam parte da memória social, pode ser uma, dentre outras que possibilita a discussão sobre o projeto de sociedade [...] em voga.⁵¹

O que muda não é o passado, mas o sentido que lhe é atribuído. Assim, para Ricoeur⁵² e Jelin,⁵³ esse sentido do passado, a partir de expectativas presentes e futuras, é o que está sujeito a reinterpretações.

*Ese sentido del pasado es un sentido activo, dado por agentes sociales que se ubican en escenarios de confrontación y lucha frente a otras interpretaciones, otros sentidos, o contra olvidos y silencios. Actores y militantes 'usan' el pasado, colocando en la esfera pública de debate interpretaciones y sentidos del mismo. La intención es establecer/convencer/transmitir una narrativa, que pueda llegar a ser aceptada.*⁵⁴

Ricoeur⁵⁵ discute os “usos e abusos” dessa memória que é “exercitada”. O autor faz uma tipologia dos usos e dos abusos da memória em três planos. O primeiro é o plano patológico-terapêutico que trata da “memória impedida”. O segundo plano é o nível prático, que nos interessa mais de perto, pois trata das “formas concertadas de manipulação ou instrumentalização da memória [...]”. É nesse nível mediano que as noções de abuso de memória e [...] de abuso de esquecimento, são mais pertinentes”.⁵⁶ O terceiro plano, o nível ético-político, da “memória obrigada”, trata, mais especificamente, sobre o “dever de memória”, que passa a ser requerido no contexto do pós-guerra na Europa, em meados do século XX.

No segundo plano, o nível prático, o autor aborda a problemática de uma “memória manipulada”. Ricoeur⁵⁷ se detém nesse momento sobre uma “memória instrumentalizada” que resulta da manipulação da lembrança e do esquecimento por detentores do poder. Tanto em sua

⁵⁰ MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, Memória e Geração... *Op. cit.*

⁵¹ *Ibidem*, p.98.

⁵² RICOEUR, Paul. A memória, a história... *Op. cit.*

⁵³ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Espanha: Siglo Vienteuno, 2001.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 39.

⁵⁵ RICOEUR, Paul. A memória, a história... *Op. cit.*

⁵⁶ *Ibidem*, p. 83.

⁵⁷ *Idem*.

dimensão coletiva, quanto individual esse abuso da memória está, para o autor, intrinsecamente ligado à questão da identidade: “o cerne do problema é a mobilização da memória a serviço da busca, da demanda, da reivindicação da identidade”.⁵⁸

Para o filósofo francês, essa mobilização da memória para a conformação da identidade reclama algumas questões tendo como sintoma os abusos da memória, tanto pelo seu excesso, quando pela sua insuficiência (abuso do esquecimento). A identidade forjada no contraste com o outro (eu/nós e outro/outros) tem a sua fragilidade no seu “caráter puramente presumido, alegado, pretenso”.⁵⁹ O confronto com o outro se torna uma das causas de sua fragilidade. Além disso, a relação da identidade com o tempo coloca a memória como “componente temporal da identidade, juntamente com a avaliação do presente e a projeção do futuro”.⁶⁰

A partir dessas constatações, o autor explica que o mau uso da memória, ou a manipulação da memória como recurso para a reivindicação da identidade se devem ao fenômeno da ideologia que, para ele, trata-se de um fenômeno dissimulado, mascarado, que atua em três níveis operacionais: a distorção da realidade; a legitimação do sistema de poder e a integração, por meio de sistemas simbólicos, do mundo comum. A ideologia gira em torno da legitimação do poder e é nesse nível, como justificação do poder, que o autor situa a mobilização de recursos de manipulação da memória vinculando “os abusos expressos da memória aos efeitos de distorção que dependem do nível fenomenal da ideologia”.⁶¹

Por sua vez, Traverso⁶² discute as mudanças de perspectiva com relação à memória nas últimas décadas, tomando como referência as memórias do Holocausto e do comunismo. Se, por ocasião do cinquentenário da libertação do campo de Auschwitz, o enfoque estava no perigo do esquecimento, em seu sexagésimo aniversário a discussão se pautava nos perigos dos “excessos de memória” e do uso apologético do passado, calcado no antagonismo entre o nazismo e o ocidente liberal. “O Holocausto funda assim uma espécie de teodiceia secular que consiste em rememorar o mal absoluto para nos convencer que o nosso sistema encarna o bem absoluto”⁶³. O autor também discute a mudança na “paisagem memorial” do comunismo, especialmente, após o fim da União Soviética, quando o comunismo e a própria ideia de revolução passam a ser associados ao conjunto dos regimes totalitários da primeira metade do século XX, na Europa.

Entre outros autores, Jelin⁶⁴ também se preocupa com os usos do passado ao tratar das lutas políticas pela memória e, mais especificamente, desse embate no que diz respeito aos processos ditatoriais da segunda metade do século XX, na América Latina. Sobre a conformação

⁵⁸ RICOEUR, Paul. A memória, a história... *Op. cit.*, p. 94.

⁵⁹ *Idem.*

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ *Ibidem*, p. 98.

⁶² TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

⁶³ *Ibidem*, p. 111.

⁶⁴ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de...* *Op. cit.*

de uma narrativa oficial no contexto das ditaduras do Cone Sul, a autora explica que a monopolização do espaço público por uma narrativa política dominante, imposta pela censura explícita, empurra para a clandestinidade as memórias alternativas e sedimenta os relatos oficiais a partir das vozes do próprio Estado.

Por lo general, los relatos de las dictaduras dan a los militares un papel 'salvador' frente a la amenaza (en el Cono Sur, en los setenta, se trataba de la amenaza del 'comunismo') y al caos creado por quienes intentan subvertir a la nación. En este contexto, los relatos posteriores ponen el énfasis sobre los logros pacificadores [...] o sobre el progreso económico.⁶⁵

Essa memória oficial foi confrontada, nos processos de redemocratização, com a emergência de memórias que se contrapõem à narrativa oficial e com as lutas por justiça e reparação, que colocam em xeque a narrativa dicotômica propagada pelos Estados ditatoriais. Trabalhos como o da Comissão Nacional da Verdade, no Brasil, deram projeção às memórias dos presos políticos, torturados, mortos ou desaparecidos. Desse modo, Jelin⁶⁶ aponta a existência de uma memória oficial, que coloca os militares na condição de “salvadores” e de memórias de grupos que foram oprimidos e marginalizados e que, nos momentos propícios, emergem e se colocam no campo de disputa pelos sentidos do passado. Assim, Jelin,⁶⁷ Ricoeur,⁶⁸ Aróstegui,⁶⁹ entre outros autores, convergem ao apontar a dimensão conflitiva da memória.

No caso da ditadura militar no Brasil, Cardoso⁷⁰ aponta essa disputa pela memória do período a partir da recuperação de elementos como o apoio de parte da sociedade civil aos militares, o crescimento econômico e a relativização da tortura presentes em produções memorialísticas de autoria de civis e militares conspiradores. No contexto atual, esses elementos são recuperados a partir de interesses políticos conservadores, de forma que, cinquenta anos após o golpe, “as diversas narrativas construídas por militares e civis golpistas voltam a eclipsar o presente”.⁷¹

A recuperação do sentido da ditadura militar a partir de memórias expressas nos comentários de usuários(as)

Como visto, está subentendido, nas narrativas dos dois vídeos estudados, o apelo à ditadura militar como necessária para proteger a nação, cuja soberania foi ameaça pelo inimigo

⁶⁵ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de...* Op. cit., p.42.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ *Idem*.

⁶⁸ RICOEUR, Paul. *A memória, a história...* Op. cit.

⁶⁹ ARÓSTEGUI, Julio. *Retos de la memoria...* Op. cit.

⁷⁰ CARDOSO, Lucileide Costa. “Volta à ditadura”? Retorno da utopia autoritária presente nas memórias de militares e civis de 1964. *Contenciosa*, Santa Fé, n. 8, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Contenciosa/article/view/8594/12016>. Acesso em: 13 jul. 2020.

⁷¹ *Ibidem*, p.1

externo – o comunismo. Pela narrativa dos vídeos, a nação foi salva, naquele momento, pelos militares, muito embora a ameaça ainda se faça presente, agora como inimigo interno – o comunismo infiltrado – como demonstra o trecho a seguir, extraído do *Guia Politicamente Incorreto*:

Portanto a esquerda estava se preparando para tomar o controle do país mesmo. No contexto de Guerra Fria, os Estados Unidos não podia deixar que isso acontecesse no seu quintal, num continente em que as pessoas podem chegar, em tese, andando, a pé, ou podem chegar de barco, numa canoa, certo?⁷²

A justificativa para o golpe, a partir de uma suposta tomada de poder pela esquerda também está bastante presente no documentário *1964: o Brasil entre armas e livros*, como no trecho a seguir, em que o jornalista Aristóteles Drummond comenta o papel desempenhado pela imprensa: “E eles se reuniram, a rádio Jornal do Brasil, a rádio Tupi e a rádio Globo. E aí vieram as estações do interior, aderiram a esse programa diário defendendo a democracia e alertando para o golpe que as esquerdas planejavam com o apoio do presidente João Goulart”.⁷³

Entre o conjunto de comentários levantados, verificamos que parte dos(as) usuários(as) ratifica essas informações e perspectivas revisionistas, anticomunistas e de contraposição à educação escolar. Suas manifestações se amarram numa memória familiar, nas visões de mundo de quem viveu a partir de um quadro de memória conservador. O excerto a seguir, referente ao *Guia Politicamente Incorreto*,⁷⁴ é representativo dessas visões de mundo. Vejamos:⁷⁵

Meu pai viveu o regime desde o começo ele me dizia: os militares eram duros na suas decisões mas eles gostavam das coisas corretas por isso o país crescia muito!!! eles não toleravam a bandidagem seja ela qual fosse e isso trazia muita confiança para os cidadãos que se sentiam seguros.⁷⁶

Nos comentários do vídeo *1964: o Brasil entre armas e livros*⁷⁷ não é diferente a referência à memória vivida para validar perspectivas anticomunistas e revisionistas, como ilustra o trecho a seguir:

[...] Vivi 64, quantas mentiras, aliás é o que fazem sempre, mentir, mentir, mentir. Foram os melhores anos que o Brasil viveu. Morreram aqueles que não exitavam matar...nunca vi pessoas de bem morrerem por causa política. Anistia foi a maior traição com aqueles que combateram está praga chamada comunismo.⁷⁸

⁷² GUIA Politicamente... *Op. cit.*

⁷³ 1964: O Brasil entre armas... *Op. cit.*

⁷⁴ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

⁷⁵ Os comentários foram transcritos *ipsis litteris* e estão referenciados com as iniciais dos usuários e o ano em que o comentário foi postado no *site*.

⁷⁶ C. H. Re: A LEI DA ANISTIA | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqBVk0M69XI&t=20s>. Acesso em: jan. 2021.

⁷⁷ 1964: O Brasil entre ... *Op. cit.*

⁷⁸ L. L. Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

Nos apropriando de Ricoeur,⁷⁹ diríamos que há um “uso da memória” ligado à sua utilidade enquanto recurso para uma reconstrução pública e uma revisão ideológica da história que toma como fonte a memória. O uso apologético do passado, como ressalta Traverso,⁸⁰ translada-se para uma “paisagem memorial”, de base conservadora, que justifica a existência de governos autoritários como uma necessidade, a exemplo das ditaduras no Cone Sul. No caso do Brasil, tal uso permite considerar sua ditadura mais branda, comparada a de outros países latino-americanos, como vemos no trecho a seguir, relacionado ao *Guia Politicamente Incorreto*:⁸¹ “[...] a ditadura militar brasileira não sendo uma das ditaduras mais sangrentas (que nem a Argentina, Chile, *paraguai*) foi uma coisa boa para o Brasil, *pq* isso foi uma forma de fazer o povo dar a sua opinião e começar a fazer a diferença”.⁸²

Observamos, assim, que há, nos comentários, uma recuperação de experiências vividas para negar o passado, ou para revelar o sentido desse passado no presente.⁸³ O mesmo podemos ver no trecho a seguir, de um comentário sobre o vídeo *1964: o Brasil entre armas e livros*:⁸⁴

[...] fui jovem na época Médici, vivi toda minha juventude num regime militar, nunca uma ditadura, [...] estudei, trabalhei, me tornei um cidadão de bem, e pai de família Por outro lado, quem não queria trabalhar, era detido, preso por vadiagem, se bandido pagaria pelo crime sem mordomia, se fosse anarquista (político) quase sempre desaparecia, ou melhor era enterrado nos fundos da (DOPS) uma antiga delegacia carioca, Resumo, andou direito? Vc vivia feliz e seguro.... Andou torto? _ adeus [...].⁸⁵

Verificamos, a partir da declaração do usuário, que ele viveu sua juventude e parte da sua vida adulta durante a ditadura militar - “vivi toda minha juventude num regime militar [...] estudei, trabalhei, me tornei um cidadão de bem, e pai de família” - e, a partir desses quadros de referência, a escola, o trabalho e a família, ele mobiliza essa memória como recurso testemunhal para validar as ações dos militares à época.

O período da ditadura militar adquire, dessa forma, um sentido positivo expresso no argumento de que os militares enfrentaram uma “ameaça” à sociedade considerada ética e moral e que precisa ser defendida. De modo semelhante, o(a) usuário(a) a seguir, ao comentar o vídeo da *Brasil Paralelo*, também reivindica uma memória referente ao período ditatorial, sob o qual viveu sua juventude e parte da sua vida adulta.

⁷⁹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história... Op. cit.*

⁸⁰ TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar... Op. cit.*

⁸¹ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

⁸² M. E. S. Re: O BRASIL TEVE UMA DITABRANDA? | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX5KBB9bF2E&t=31s>. Acesso em: jan. 2021. (grifos do autor(a))

⁸³ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de... Op. cit.*

⁸⁴ 1964– O Brasil entre ... *Op. cit.*

⁸⁵ G. L. D. Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO), 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_HC8aCrHdA. Acesso em: jan. 2021. (grifos do autor(a))

Parabéns, belo trabalho. Hoje com 68, agradeço aos Militares pelo tempo que no governo permaneceram. Após sua saída tivemos infelizmente o retorno de inúmeros anti-patriotas, ladrões, baderneiros, etc... que apenas o próprio interesse *visavam*. Felizmente estamos agora vendo a chama da liberdade, da democracia, voltando a instalar-se no país⁸⁶

Evidencia-se uma noção de que a ditadura deveria ter sido mais severa, perseguindo, matando e torturando mais. Como ressaltam Halbwachs,⁸⁷ Ricoeur,⁸⁸ Jelin⁸⁹ e Traverso⁹⁰ não há memória social neutra. Para Aróstegui, “*toda especie de memoria colectiva en cuanto representativa de un grupo es la expresión de un nosotros, y está ligada a los intereses de quienes la expresan*”.⁹¹

Ainda com base em Aróstegui,⁹² diríamos que as visões da história e da memória, como categorias relacionais ao passado, são tomadas, nos comentários, como “autoafirmação” ou “autojustificação” de sujeitos e grupos sociais. É o que, de certo modo, fica evidenciado nos comentários a seguir relacionados ao *Guia Politicamente Incorreto*⁹³ e ao vídeo da Brasil Paralelo, respectivamente:

Se existiu ditadura no Brasil nao sei porque nao vi. Devia estar vivendo em outro pais. Nos nao temos identidade pois nao sabemos o que somos e o que queremos nesta terra chamada Brasil. E para psicanalista nos analisar⁹⁴

Baoa Noite. Parabéns por trazer à tona a realidade dos fatos de nossa história, deturpados sistematicamente. [...] Quem viveu este período e é Patriota, concorda com estes fatos, que o documentário Brasil Paralelo narra. Eu sei porque vivi esta época.⁹⁵

Verificamos que o revisionismo ideológico e o uso político da memória convergem para a legitimação de valores e normas de grupos sociais conservadores, em um contexto de intensa luta política que vem sendo travada no Brasil atual. Considerando esse aspecto, o comentário a seguir, referente à série *Guia Politicamente Incorreto*,⁹⁶ é representativo desses valores e de grupos sociais conservadores, que enxergam no Estado ditatorial militar um modelo e um caminho para a política no país. “amaldiçoado seja Geisel e Figueiredo. Viva Médice e Ustra!!!!

⁸⁶ L. B. Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

⁸⁷ HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva... *Op. cit.*

⁸⁸ RICOEUR, Paul. A memória, a história... *Op. cit.*

⁸⁹ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de...* *Op. cit.*

⁹⁰ TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar... *Op. cit.*

⁹¹ ARÓSTEGUI, Julio. Retos de la memoria... *Op. cit.*, p. 32-33 (grifo do autor)

⁹² *Ibidem*, p. 32-33.

⁹³ GUIA Politicamente ... *Op. cit.*

⁹⁴ V. S. N. Re: BRASIL, 1968 | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0-10eThuDE>. Acesso em: jan. 2021.

⁹⁵ J. S. S. Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO), 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_HC8aCrHdA. Acesso em: jan. 2021.

⁹⁶ GUIA Politicamente... *Op. cit.*

2018 clama por ordem, e por menos bandidos! É engraçado como os mesmos coitadinhos de antes são os mesmos que não roubaram, corromperam e acabaram com Brasil de atualmente!”.⁹⁷

Não obstante, entre os comentários referentes ao vídeo *1964: o Brasil entre armas e livros*,⁹⁸ também são recorrentes as declarações apologéticas à ditadura: “O maldito lixo comunista .. Deveriam ter sido exterminados ...viva o grande herói USTRA o terror dos verme comunistas”.⁹⁹

Observamos, assim, as manifestações de conformação de sentidos do passado ditatorial em um cenário de confrontação e lutas políticas,¹⁰⁰ entendendo que os usos e abusos da memória¹⁰¹ revelam, sobretudo, características do presente e perspectivas futuras, na construção e na busca por determinados modelos de sociedade.

Essas são expressões do embate que se dá no campo midiático, especialmente, na internet. A análise dos dados, a partir da memória em sua perspectiva social, demonstrou como uma memória, que busca positivar a ditadura militar, expressa nos comentários, corresponde àquelas narrativas apresentadas nos vídeos. Assim, elementos comuns aos vídeos também aparecem nessas memórias: o anticomunismo e o anti-esquerdismo; a desvalorização do conteúdo aprendido na escola e as críticas ao professor de história e a legitimação do Estado ditatorial. O excerto a seguir, relacionado ao *Guia Politicamente Incorreto*,¹⁰² é um exemplo.

FOI UMA DITABRANDA. E TEM MAIS, NÃO FOI UM GOLPE, FOI UMA INTERVENÇÃO, VISTO A QUANTIDADE DE ESPÍÕES E ARTICULADORES INTERNACIONAIS COMO OS POLONESES [...] que estavam aqui infiltrados para apoiar os guerrilheiros e os infiltrados no estado brasileiro que até hoje estão [...].¹⁰³

Ficam evidentes as disputas pela memória, a partir de uma perspectiva política que defende um projeto de sociedade em muitos aspectos coincidente com o período ditatorial, reivindicando uma memória oficial forjada durante o período: os militares que agiram para salvar o país; um período de prosperidade, segurança e valores morais. O comentário a seguir, no vídeo *1964: o Brasil entre armas e livros*,¹⁰⁴ é representativo dessa questão. Vejamos:

⁹⁷ S. A. Re: A LEI DA ANISTIA | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqBVk0M69XI&t=20s>. Acesso em: jan. 2021.

⁹⁸ 1964: O Brasil entre ... *Op. cit.*

⁹⁹ O. F. Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

¹⁰⁰ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de...* *Op. cit.*

¹⁰¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história...* *Op. cit.*

¹⁰² GUIA Politicamente... *Op. cit.*

¹⁰³ T. C. V. Re: O BRASIL TEVE UMA DITABRANDA? | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX5KBB9bF2E&t=31s>. Acesso em: jan. 2021.

¹⁰⁴ 1964: O Brasil entre ... *Op. cit.*

[...] Os militares nos davam Segurança, liberdade, bastava andar com documentos, mesmo possuindo armas. Meu pai ia armado para outras cidades. Nunca foi bandido nem polícia. Apenas bandidos e comunistas temiam os militares. O povo teve trabalho, infraestrutura, saúde e educação, mas por isso houve um crescimento desordenado, com a migração do campo para as cidades, pelas oportunidades de emprego, pela energia, e os governantes não impediram o crescimento das favelas, que foram super dimensionadas nos governos de Esquerda ao fim do regime militar, causando uma classe de indivíduos sem chance, a mercê do crime.¹⁰⁵

As disputas em torno de memórias da ditadura adquirem uma nova dimensão na atual conjuntura política e social do Brasil, como adverte Cardoso.¹⁰⁶ Considerando esse aspecto, o confronto entre diferentes memórias sociais sobre o período também aparece nos comentários.

Enfim, podemos observar que há uma recorrência à memória, vivida ou recebida, a partir de dadas visões de mundo, de quadros sociais, que aparecem nos comentários como elemento de disputa na construção de sentidos da ditadura militar. A maior parte desses comentários recuperam memórias individuais e coletivas com base em quadros sociais de natureza conservadora.

A título de conclusão

O uso político da história e da memória se torna evidente nos vídeos e comentários analisados e está ligado a uma reconstrução participativa de representantes de memórias sociais e coletivas que se entrelaçam, visando o objetivo comum de realizar um “revisionismo” da ditadura militar no Brasil à luz de referências políticas e ideológicas de caráter conservador. Essas questões necessitam de mais estudos, sobretudo considerando que a luta contra a ditadura, em nossa sociedade, continua exigindo nossa atenção e acuidade, especialmente, na área da educação, tendo em vista que hoje as mídias sociais têm ocupado uma função não só informativa, mas também educativa. O caso da empresa Brasil Paralelo é esclarecedor nesse sentido, uma vez que a pretensão educativa, através do uso de mídias sociais digitais, é objetivo abertamente declarado pela empresa.

Esses vídeos e comentários refletem a existência, em nossa sociedade, de grupos conservadores atuantes e dominantes nas mídias sociais digitais, representativos de memórias ideológicas com matrizes em quadros sociais construídos durante o período da ditadura militar. Dessa forma, é preciso que estejamos atentos ao que vem sendo produzido e consumido sobre história, em produções que escapam ao rigor do método científico, da avaliação dos pares e da crítica especializada, estando voltadas para o consumo, ou fornecendo aporte político-ideológico para esses grupos.

Nos materiais estudados, fica evidente que os adeptos da ditadura militar de 1964 se utilizam de memórias individuais, a partir de suas coletividades próximas e comuns, buscando,

¹⁰⁵ S. C. S. G. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

¹⁰⁶ CARDOSO, Lucileide Costa. “Volta à ditadura”? ... *Op. cit.*

nesses quadros sociais, ancoragem para legitimar os vídeos e para apoiar interpretações de uma história revisionista de caráter ideológico sobre a ditadura. Interpretações, estas, cristalizadas, de caráter particularista, partidarista e que não estão interessadas, necessariamente, na construção da história como objeto historiográfico. Portanto, sem preocupação com debates e problemas de índole teórico-epistemológica, nem com as fronteiras e consequências das violências políticas desse passado em sua dialética com o presente.

Referências

1964– *O Brasil entre armas e livros*. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2h 07 min 19 seg). Publicado pelo canal *Brasil Paralelo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ARÓSTEGUI, Julio. Retos de la memoria y trabajos de la historia. *Pasado y memoria. Revista de Historia Contemporánea*, Madrid, n. 3, p. 5-58, 2004. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/742/1/Arostegui-Retos%20de%20la%20memoria.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BAUER, Caroline S. La dictadura cívico-militar brasileña en los discursos de Jair Bolsonaro: usos del pasado y negacionismo. *Relaciones Internacionales*, La Plata, v. 28, n. 57, p. 37-51, dez. 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/204792>. Acesso em: 27 ago. 2021.

BRASIL Paralelo. +30 produções. Documentários e filmes gratuitos que já ensinaram milhões de brasileiros. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/home/>. Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL Paralelo. Sobre. Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo/about/?ref=page_internal– grifo nosso. Acesso em: 15 out. 2020.

CARDOSO, Lucileide Costa. “Volta à ditadura”? Retorno da utopia autoritária presente nas memórias de militares e civis de 1964. *Contenciosa*, Santa Fé, n. 8, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Contenciosa/article/view/8594/12016>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CHAIA, Vera. Internet e eleições: as comunidades políticas no orkut nas eleições de 2006. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 14, nº2, p. 127-140, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/12473/9670>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GUIA Politicamente Incorreto. Playlist Ep. 02 Ditadura à brasileira. [S. l.: s. n.], 2017. 13 vídeos (49 min 55 seg). Publicado pelo canal *The History Channel Brasil*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0-10eThuDE&list=PLAr322Yg8UkCQrg8aRip815Qlb9VDczwl&index=1&t=2s>. Acesso em: 19 mar. 2020.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de la Memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Espanha: Siglo Vienteuno, 2001.

LIMA, André Nicácio. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. *Temáticas*, Campinas, v. 27, nº 54, p. 15-38, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/12336>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, Memória e Geração: remissão inicial a uma discussão político-educacional. *Revista HISTEDBR [on-line]*, n. 55, p. 94-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640463>. Acesso em: 25 mar. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, Londrina v. 8, n. 15 esp, p. 9-44, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/23617>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NARLOCH, Leandro. *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*. São Paulo: Leya, 2009.

O BRASIL Paralelo produz história? Apresentado por Fernando Nicolazzi. Canal Historiar-se. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8>. Acesso em 28 ago. 2021. Duração: 00:21:09.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Puc-SP*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OGASSAWARA, Juliana S.; BORGES, Viviane T. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. *Revista Brasileira de História*. v. 39, n. 80, p. 37-59, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010201882019000100037&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago. 2020.

O QUE DE FATO é o Brasil Paralelo? [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min 28 seg). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. <https://www.youtube.com/watch?v=9RDrKmAvisik>. Acesso em: 15 out. 2020.

PEREIRA, Mateus H. de F. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 863-902, set./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752015000300863&script=sci_arttext. Acesso em: set. de 2020.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, João César de C. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: golpismo e democracia – as falácias do revisionismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 19, p. 27-48, 2004. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo104critica19-A-toledo.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VENANCIO, Renato. *O Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, 2018. Resenha de: *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Leya, 2012. Disponível

em: https://www.academia.edu/36354688/O_Incorreto_no_Guia_politicamente_incorreto_da_hist%C3%B3ria_do_Brasil . Acesso em: 28 ago. 2021.

Referências dos comentários

C.H. *Re: A LEI DA ANISTIA | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqBVk0M69XI&t=20s>. Acesso em: jan. 2021.

G.L.D. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

J.S.S. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

L.B. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_HC8aCrHdA. Acesso em: jan. 2021.

L.L. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_HC8aCrHdA. Acesso em: jan. 2021.

M.E.S. *Re: O BRASIL TEVE UMA DITABRANDA? | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX5KBB9bF2E&t=31s>. Acesso em: jan. 2021.

O.F. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: jan. 2021.

S.A. *Re: A LEI DA ANISTIA | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqBVk0M69XI&t=20s>. Acesso em: jan. 2021.

S.C.S.G. *Re: 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_HC8aCrHdA. Acesso em: jan. 2021.

T.C.V. *Re: O BRASIL TEVE UMA DITABRANDA? | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX5KBB9bF2E&t=31s>. Acesso em: jan. 2021.

V.S.N. *Re: BRASIL, 1968 | DITADURA À BRASILEIRA | GUIA POLITICAMENTE INCORRETO | HISTORY*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0-10eThuDE>. Acesso em: jan. 2021.